

**ENTRE O VERMUTE E A SOPA**

*Entreato*

*PERSONAGENS*

O DOUTOR PACHECO

AMÉLIA

DONA ANGÉLICA

UM CRIADO

*A cena passa-se numa sala, em casa de Amélia. Atualidade.*

Esta lição é a do manuscrito autógrafo existente na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

**ATO ÚNICO**  
**CENA I**  
**[AMÉLIA, DONA ANGÉLICA]**

*(DONA ANGÉLICA, sentada, lendo. Amélia entrando da esquerda.)*

AMÉLIA – Titia, são quase seis horas. Ele não pode tardar.

DONA ANGÉLICA *(Deixando o livro e erguendo-se.)* - E se não vier?

AMÉLIA – Oh! O Doutor Pacheco é um cavalheiro!

DONA ANGÉLICA – Isso é. Pelo menos era.

AMÉLIA – Se não pudesse vir jantar, não aceitava o convite.

DONA ANGÉLICA – E se adoeceu?

AMÉLIA – A doença não é desculpa quando uma senhora convida.

DONA ANGÉLICA – Quer dizer que na tua [...] que um cavalheiro só deve faltar em caso de morte?...

AMÉLIA – Se morre de repente, não há que dizer, mas se a morte lhe dá tempo de escrever duas linhas ou dizer duas palavras...

DONA ANGÉLICA – Que exagero!

AMÉLIA – Mesmo com uma vela na mão, um cavalheiro não deixa de ser correto.

DONA ANGÉLICA – Quem morre pode lá pensar em correções!

AMÉLIA – Conforme. Isso depende do moribundo. César, que foi o primeiro homem do mundo, quando caiu, apunhalado, cobriu o rosto com o manto para não lhe verem as contorções da morte.

DONA ANGÉLICA – Isso é o que se conta.

AMÉLIA – Voltaire estava nas últimas quando soube haver chegado a Paris um fidalgo, seu amigo, que se achava ausente havia alguns anos, e a quem devia muitas finezas. Levantou-se da cama, vestiu-se, saiu e foi ter com o fidalgo, dizendo: - “Interrompi a minha agonia para vir dar-lhe um abraço.” Deu o abraço, voltou para casa, despiu-se, deitou-se, e ...morreu.

DONA ANGÉLICA – Pudera! Depois de semelhante imprudência!

AMÉLIA – Que delicado seria um cavalheiro escrevendo a uma senhora: “Peço desculpas de não comparecer ao jantar de Vossa Excelência: estou agonizando”.

DONA ANGÉLICA – E não precisava acrescentar que era um motivo independente de sua vontade. Pois olha minha sobrinha, eu julguei que o Doutor Pacheco se desculpasse, ou só aqui viesse para dar as piores informações acerca de seu sobrinho. Não gosto do tal Senhor Félix.

AMÉLIA – Por quê? Fez-lhe algum mal?

DONA ANGÉLICA – Aquilo sim é que era um homem! Ainda há dez anos produziu sensação quando reapareceu no Rio de Janeiro de volta das suas longas e misteriosas viagens. Todas as mulheres o desejavam!

AMÉLIA – Todas? Então a senhora!...

DONA ANGÉLICA – Não há regra sem exceção. Nunca me apaixonei por nenhum homem. Bem sabes disso.

AMÉLIA – Mas não acha a senhora que na minha situação eu não poderia encontrar conselheiro melhor que o Doutor Pacheco?

DONA ANGÉLICA – Acho que poderias encontrar outro menos suspeito. Ele é tio do moço que te requesta.

AMÉLIA – É uma razão para conhecê-lo melhor.

DONA ANGÉLICA – É uma razão para defendê-lo. Confesso-te: seria imenso o meu desgosto se te casasses com o Senhor Félix Pacheco. Enfim, és viúva, tens dinheiro, não tens filhos; faze o que te aprouver. *(Batem palmas.)*

AMÉLIA – É ele! Titia, vá lá dentro dar uma vista d’olhos ao jantar, e mande-nos o vermute. Quando estiver posta a mesa, venha buscar-nos.

DONA ANGÉLICA – Pois sim. *(Vai saindo e pára.)* Vou acender uma vela ao meu Santo Antonio para que o Doutor Pacheco te dê as piores informações do sobrinho. *(Sai pela esquerda.)*

## CENA II

### AMÉLIA, depois o DOUTOR PACHECO

AMÉLIA – Pobre titia! Estima-me bastante; receia que eu faça um mau casamento. *(Indo à porta do fundo.)* Tenha a bondade de entrar.

O DOUTOR *(Entrando.)* – Ah!... Venho encontrá-la ainda bela e juvenil como há dez anos! *(Abraçando-a.)* Permita que lhe dê um abraço, porque, como bem disse na sua delicada cartinha, eu e seu pai fomos amigos e companheiro desde a mais tenra infância até que nos formamos ambos no mesmo dia. Depois de formados cada um de nós tomou o seu rumo... ele casou-se e eu fui ser o segundo judeu errante, mas sabe Deus com que pesar, uma tarde, na ilha de Falster, na Dinamarca, recebi a notícia de seu falecimento! Mas como está linda! Não creio que haja no Rio de Janeiro viuvinha mais graciosa!... Ninguém lhe dará a idade que tem... sim, porque, minha filha, comigo escusa de mentir!

AMÉLIA – Eu?

O DOUTOR – Oh! Não há mulher que não minta em se tratando de idade... Para os outros tenha 24... 25... 26 anos... Bem sei que tem 30... A senhora ainda não engatinhava quando pela primeira vez saí do Rio de Janeiro... Há dez anos, quando voltei, mostraram-me no *Jockey Club*, estava em companhia de seu esposo; não fui cumprimentá-la porque não tinha o prazer de conhecê-lo. Seu pai já não existia... Cheguei há oito dias, e tinha já resolvido vir apresenta-lhe os meus respeitos, quando recebi o seu amável convite para jantar.

AMÉLIA – Queira sentar. *(Sentam-se de cada lado de uma mesinha que deve estar no centro da cena.)* Confesso-lhe que o meu convite levou água no bico.

O DOUTOR – Deveras?

AMÉLIA – Eu tinha interesse em falar-lhe.

O DOUTOR – Estou inteiramente às suas ordens. *(Entra um criado trazendo uma bandeja com uma garrafa de vermute e dois cálices. O criado retira-se depois de colocar a bandeja sobre a mesinha.)*

AMÉLIA – Desejo ouvi-lo sobre um caso muito sério, que me afeta particularmente.

O DOUTOR – Fale como se falasse a seu pai.

AMÉLIA – Como sabe, enviuei há oito anos.

O DOUTOR – Eu li a notícia do falecimento de seu esposo, no *Jornal do Commercio*, uma noite, em Saigon, na Conchinchina.

AMÉLIA – Apesar de ter ficado senhora de alguma fortuna e sem filhos, tenho levado até hoje uma vida quase monástica. Um cálice de vermute; sim?

O DOUTOR – Pois não! *(Amélia serve-o.)* Tem feito mal... devia viajar... na sua idade é o que se deve fazer... não há prazer mais inteligente que o de ver terras desconhecidas e novos céus... surpreender o mundo em todos os seus variados e extraordinários aspectos... tomar um trem de ferro para ir ter com o sol... embarcar num paquete para fugir ao calor... Não se fizeram para outra coisa os contos de réis!

AMÉLIA – Eu era sozinha...

O DOUTOR – Quem tem dinheiro nunca está só... Não sei se me corre nas veias sangue boêmio: sinto um prazer imenso em percorrer o mundo. Não creio que nenhum brasileiro

viajasse tanto como eu, e nas minhas peregrinações nunca levei comigo senão uma mala deste tamanho, onde tenho a habilidade de acomodar tudo quanto possuo. Modéstia à parte, nesse ponto me pareço com aquele sábio da Grécia que dizia: *Omnia mea meco porto*<sup>1</sup>. É provável que ele o dissesse em grego, mas é em latim que toda gente o repete.

(*Bebe.*) Excelente vermute!

AMÉLIA – Não prefere o francês?

O DOUTOR – Não; em matéria de vermute prefiro a Itália à França. Mas a senhora falava-me da sua viuvez, da sua vida monástica, e eu interrompi-a, e fiquei com a palavra até agora. Desculpe. Sou muito falador... falo pelos cotovelos... é um mau hábito que adquiri apesar do meu isolamento, e de que até hoje não consegui corrigir-me. Fale.

AMÉLIA – Durante oito anos, dizia eu, fechei-me em casa com o meu luto e as minhas saudades. Ultimamente, porém, resolvi freqüentar a sociedade... mostrar-me um pouco aqui e ali... Para começar, assinei um camarote no Teatro Lírico... Vou aos espetáculos acompanhada por uma tia, irmã de meu pai, que o Doutor deve conhecer.

O DOUTOR – (*Depois de um pequeno esforço de memória.*) – A DONA ANGÉLICA?

AMÉLIA – Essa mesma. Mora comigo desde que enviuei. Serve-me de mãe, de irmã e de amiga. Agora o caso: um camarote contíguo ao nosso é ocupado por uma família muito distinta, a do Visconde de Barrozelos.

O DOUTOR – Conheço muito; O Hilarião... Eu digo o Hilarião porque já não há fidalgos nesta terra.

AMÉLIA – O camarote do ex-visconde é freqüentado por um moço de maneiras muito distintas, bem apessoado, elegante... empregado público, mas empregado de certa categoria... numa Secretaria de Estado... Esse moço começou a olhar para mim com certa insistência...

O DOUTOR – E a senhora?...

AMÉLIA – O Doutor disse-me para que lhe falasse como a um pai; pois bem: eu... tive a fraqueza de também olhar...

O DOUTOR – Nem de outro modo poderia ter percebido a insistência dele. Era preciso que ambos insistissem.

AMÉLIA (*Baixando os olhos.*) – Insistimos ambos. E quando ele ia para o seu lugar na platéia, os nossos binóculos muitas vezes se encontravam.

O DOUTOR – Oh, os binóculos! Os binóculos!... Não há nada mais perigoso!..

AMÉLIA – Numa das últimas noites, entre o primeiro e o segundo ato da *Aída*, a Viscondessa de Barrozelos apresentou-mo...

O DOUTOR – Querem ver que, quando Radamés voltou da Etiópia, já o feliz diletante era seu noivo?

AMÉLIA – Não, senhor. Radamés morreu sem que houvesse o menor compromisso de minha parte. A situação depende inteiramente do Doutor.

O DOUTOR – De mim?

AMÉLIA – O moço chama-se Félix Pacheco.

O DOUTOR (*Erguendo-se.*) – Meu sobrinho?!...

AMÉLIA (*Erguendo-se.*) – A apresentação coincidiu com a sua chegada. Era Deus que o enviava para aconselhar-me. A quem melhor poderia dirigir-me senão àquele que ao mesmo tempo é o tio do pretendente e foi o melhor amigo do pai da pretendida?

---

1

□ Aliás: *Omnia mecum porto*. Trad.: Trago comigo tudo que tenho.

O DOUTOR – Minha senhora, agradeço à Providência ter-me feito chegar a tempo de evitar uma catástrofe!

AMÉLIA – Uma catástrofe?!...

O DOUTOR – Não estranhe esta linguagem. Não devo ter outra. Meu sobrinho é, efetivamente, um bonito rapaz... veste-se bem... sabe calçar uma luva... mas é um idiota!

AMÉLIA – Oh!

O DOUTOR – Um idiota, repito! Um sujeitinho que nunca soube ser coisa nenhuma nesta vida... que há muito tempo não seria oficial de Secretaria, se não houvesse na sua repartição outros empregados que dão conta de todo o serviço! Eu sou seu tio, sou seu amigo, tenho a obrigação de o ser; estas informações não as daria eu, se se tratasse de outra coisa... de promovê-lo, por exemplo... Mas de casá-lo? Pelo amor de Deus! Demais, ele apenas conta vinte e quatro anos; tem menos de idade e muito menos de espírito que a senhora... Esse casamento seria de uma desigualdade comovedora, e poderia causar não só a sua desgraça como a dele!... Se a senhora sente pelo Félix alguma coisa mais forte que uma singela impressão... plástica, perdoe a brutalidade das minhas expressões... Eu teria muita satisfação em ser seu tio, mas de modo algum desejaria vê-la casada com meu sobrinho. Um homem que só lê jornais! Um homem que não conversa, que não fala! Não fala, não, senhora! É capaz de estar duas horas sentado naquela cadeira, defronte daquela garrafa sem dizer palavra! Não parece meu parente! E a senhora, que é tão viva, tão inteligente, tão instruída, tão espirituosa, a senhora, que não tem vivido, mas tem a intuição da vida, há de ser mulher de um silencioso? Que horror!

AMÉLIA – O Doutor é de uma ferocidade persuasiva!...

O DOUTOR – Vamos... abra-me o seu coração... Gosta dele?... Ama-o?...

AMÉLIA – Não; não posso dizer que o ame...

O DOUTOR – Pois se não o ama, mande-o passear! Ele que se case com a filha de um comendador qualquer... procure alguma mocinha de dezoito primaveras, uma donzela que toque piano, cante melodias de Tosti, e borde com perfeição um par de chinelos ou um gorro de veludo azul com borla dourada. Já conversou com Félix?

AMÉLIA – Muito pouco.

O DOUTOR – Isso sei eu, é difícil arrancar-lhe uma palavra. E quando abre a boca é para dizer disparates! Tem muito bonita estampa, isso tem... Mas não tem mais nada! Repito: é um idiota!...

AMÉLIA – Entretanto, é um moço digno?

O DOUTOR – Sim... não envergonha a família; é incapaz de cometer uma infâmia; não tem vícios; é econômico; não deitou fora ainda a herança paterna; comporta-se perfeitamente. O seu grande defeito é ser vaidoso como todos os homens ignorantes que têm quatro vinténs adquiridos sem trabalho, e ser ridículo como todos os narcisos que se enamoram dos próprios encantos. Às três horas da tarde exhibe-se infalivelmente na Rua do Ouvidor, à porta do alfaiate cúmplice da natureza que o fez tolo, e parece dizer aos transeuntes: - Olhem para mim! Vejam como eu sou formoso!...

AMÉLIA – Agradeço a sua franqueza. Desnecessário é dizer-lhe que aceito o seu conselho. O Doutor não será meu tio.

O DOUTOR – Ainda bem. Mas veja lá!... Se o ama, se sente uma força indômita como o *Guarani*, esqueça-se de tudo quanto eu disse, faça-se minha sobrinha, porque não há para o amor de uma viúva honesta outro remédio senão o casamento. (*Vai sentar-se e esvaziar o seu cálice.*)

AMÉLIA (*Sentando-se.*) - Por que nunca se casou?

O DOUTOR – Eu?

AMÉLIA – Sim.

O DOUTOR – Vem tão de supetão essa pergunta!...

AMÉLIA – Responda.

O DOUTOR – Não me casei, porque entendi que o homem só deve ligar o seu destino ao da mulher a quem ame verdadeiramente.

AMÉLIA – Quer dizer que nunca amou?

O DOUTOR – Amei, sim; amei com toda a energia da minh'alma; amei com toda a força do meu coração, e era também amado. Eu tinha a idade das ilusões, a idade em que o homem se deixa levar numa nuvem, de quimera em quimera. Ela, a minha doce amada, contava apenas quinze anos: já não era uma menina, e não era ainda uma mulher. Quando eu, louco de alegria, entusiasmado pelo meu amor e pela minha aventura, ia realizar o meu sonho, quando faltavam apenas alguns dias para a celebração do nosso consórcio, e eu dizia o nome dela aos astros, às flores, aos passarinhos, a todas essas bonitas coisas da natureza...

AMÉLIA – Como se chamava?

O DOUTOR – Amélia.

AMÉLIA – Amélia... Tinha o meu nome...

O DOUTOR – É verdade, tinha o seu nome... o mais belo de todos os nomes... Amélia, um nome tão doce que traz mel dentro de si... Pois bem: quando faltavam apenas alguns dias para as nossas almas se unirem para sempre, a morte, inesperada, traiçoeira, terrível, inexorável, arrancou dos meus braços a meiga criatura que jamais seria substituída por outra! Deus notara que lá em cima faltava-lhe aquele anjo. (*Comovidíssimo.*) Sofri tamanho abalo, que ainda hoje a minha vida se me afigura um milagre. Foi nessa ocasião que conheci quanto seu pai me estimava. Quando me restabeleci, dir-se-ia que se fizera cá dentro um vácuo... o meu coração tornara-se uma campânula pneumática... e, como era rico e independente, não quis ser neste mundo outra coisa além de um contemplativo ocioso. Resolvi viajar, viajar muito, viajar sempre, e envolver a minha existência nômade num renovamento contínuo de idéias e de impressões. Já lá se vão trinta anos... estou cansado e – quem sabe? – arrependido talvez de não haver lutado com os meus sentimentos. Quem sou, afinal? Um velho bacharel inútil... um solteirão lastimável... sem uma alma que o compreenda... Sem família, sem amigos, sem ninguém... Sem mais nada além da sua mala filosófica...

AMÉLIA – Mas não dizia ainda agora que o dinheiro...

O DOUTOR – Oh! o dinheiro... Não creia!... Eu mentia!... Mentia, porque posso dizer, como o poeta, que a minha ventura consiste unicamente em parecer venturoso... o meu coração encheu-se outra vez, é verdade, mas de azedume e tristeza... Os terríveis efeitos do meu isolamento começam a aniquilar-me, a destruir o que ainda me resta de sensibilidade e brandura... E há de isto durar até o dia em que um criado feche piedosamente os meus olhos... quando eu aparecer morto nalgum quarto de hotel... (*Chora, e ergue-se envergonhado, procurando esconder as lágrimas.*) Então?... Que é isto?... Estou a chorar!... Naturalmente, Amélia, vai achar-me ainda mais ridículo que meu sobrinho!

AMÉLIA (*Erguendo-se.*) – Pelo contrário... Creia que estou bastante comovida... Pudesse eu fazê-lo feliz!

O DOUTOR – Ah! Seria preciso riscar da minha existência aquela data fatal... 2 de junho de 1864... o dia em que ela morreu...

AMÉLIA – 2 de junho... 64... Que coincidência!... Ela morreu no mesmo dia em que eu nasci!

O DOUTOR – Deveras?... Oh! Amélia, que sabe se Deus quis... Que idéia! Eu tenho cinquenta e dois anos...

AMÉLIA – Não parece.

O DOUTOR – Acha?

AMÉLIA – Os contemplativos envelhecem com muita dificuldade... Se eu não receasse receber um não...

O DOUTOR – Que fazia?

AMÉLIA – Pedia-o em casamento...

O DOUTOR – A quem? A mim? Para quem?

AMÉLIA – Para quem há de ser? Considero-me digna do senhor. Creio que nos havíamos de entender perfeitamente, e pode ser até que eu o levasse a uma região aonde o Doutor nunca foi, apesar de se ter na conta do brasileiro mais viajado.

O DOUTOR – E essa região é?...

AMÉLIA – A Felicidade, Restituo-lhe a sua Amélia com trinta anos de distância. Aceita a restituição?

O DOUTOR (*Depois de uma pausa.*) – O Félix é muito novo... Eu não serei muito velho?

AMÉLIA – Já leu o *Doutor Pascal*?

O DOUTOR – Já. Li-o em Driburg, na Vestifália.

AMÉLIA – Pois bem... faça um exame de consciência...

O DOUTOR (*Estendendo-lhe a mão.*) – A minha consciência diz-me que aceite.

AMÉLIA – Palavra de honra?

O DOUTOR – Palavra de honra! (*Aperto de mão.*)

### CENA III

#### AMÉLIA, o DOUTOR, DONA ANGÉLICA

DONA ANGÉLICA (*Entrando da esquerda.*) – A sopa está na mesa.

(*Cumprimenta o Doutor.*)

AMÉLIA (*Apresentando.*) – O Doutor Pacheco... Minha tia...

O DOUTOR – Somos velhos conhecidos. (*Aperta-lhe a mão.*)

DONA ANGÉLICA – Julguei que já não se lembrasse de mim.

AMÉLIA – Sabe, titia? Caso-me...

DONA ANGÉLICA – Eu logo vi que o Senhor Félix seria um advogado eloqüente para...

O DOUTOR (*Interrompendo-a.*) – O Senhor Felix é muito novo para casar-se com Dona Amélia... Ele que se contente com ser seu sobrinho.

DONA ANGÉLICA – Não percebo...

AMÉLIA – Titia, aqui tem o meu noivo.

DONA ANGÉLICA – Hein? Dar-se-á caso que o meu Santo Antonio...

O DOUTOR – É verdade, minha senhora! Um casamento arranjado entre o vermute e a sopa!

(*Cai o pano.*)